

## *O Baile das Flores*

— Hoje vou ao baile das flores — anunciou o repolho. — Quem quer vir comigo?

— Ao baile das flores? — sussurrou a cebola, horrorizada. — Para que é que temos o nosso Baile da Salada Russa? É muito mais divertido!

— Tu ficas bem entre iguais — disse a alface. — O teu lugar é aqui e tudo mantém a sua devida ordem.

O pepino anuiu sabiamente com a cabeça.

— Acautelai-vos com as flores do jardim do outro lado da cerca — continuou a alface. — Andam de nariz levantado e olham-nos de cima para baixo. Não passam de ervas sentadas em vasos!

— Não queremos ter nada a ver com elas — disseram as ervilhas. Um arrepio percorreu-lhes as vagens e tilintaram, venenosas:

— Aquelas perfumadas da horta não passam de umas campainhas de enfeite...

— Mas o que é que vocês todos têm contra as flores? — suspirou o repolho tristemente. — Eu gostava muito de ir ao baile delas mas, sozinho, não me atrevo.

— Eu não tenho nada contra as flores. Só têm um aspeto diferente do nosso e às vezes não cheiram tão bem como nós — disse a cenoura pensativa. E calou-se por um momento.

— Sabes que mais? Também vou contigo — decidiu, com um estremecimento da raiz à ponta das folhas.

— Ótimo!

O repolho limpou as folhas e enfeitou-se com uma peninha. A cenoura encontrou uma linda máscara para si.

— Mas que bonitos que vocês estão! — elogiaram os rabanetes e, de repente, deixaram de ter caras coradas e alegres.

O repolho empertigou-se e ofereceu à cenoura um braço



forte.

— A menina vem?

Ela acenou com a cabeça, animada, e, de pé leve, deixaram a horta.

No baile, a animação já tinha começado. As flores tinham pedido ajuda ao galo, às galinhas e ao salgueiro. Os grilos cantavam com afinco e os pardais chilreavam ritmos quentes. A água espumava e borbulhava. Alguém tinha aberto a pipa da água da chuva e o escaravelho servia-a aos convidados.

Sentado à entrada, o cão de guarda meneava a cabeça:

— Os convidados já estão um bocadinho tocados!...

Repolho e cenoura passeavam pelo baile e iam cumprimentando à direita e à esquerda.

— Quem são estes? — cochichava um cravo a uma tulipa mais velha.

Esta olhou por cima dos óculos e torceu o nariz.

— Legumes, diria eu...

O cravo ficou sem poder respirar e coçava as pétalas, atónito.

— Mas que horror! — exclamou. — Legumes crus no nosso baile. Que indecência!

— Mas o que é que eles têm de vir aqui fazer? Foram ao menos convidados? — queria saber uma rosa.

— Mas que gente tão simplória, não acha, minha querida?

O rosmaninho fez uma vénia perfeita em frente da rosa e levou-a para a pista de dança. Ela ainda era jovem e vermelha.



— Devíamos pô-los daqui para fora. Onde é que já se viu, legumes desconhecidos no nosso baile! — a rosa canina endireitava-se, pronta a picar. — Que gatinha miserável, que ervas insignificantes!

— Nem mais! Não passam de mergulhadores de sopa sem graça, e de pastéis malcheirosos — um malmequer arrepiava-se todo, já meio enjoado.

O repolho ouvia o falatório e os cochichos, e reparara como as rosas se encolhiam, os cravos tremiam de indignação e como um amor-perfeito tivera até um ataque de soluços.

— Parece que eles não gostam de nós — disse à cenoura.

— É pena. A música deles é tão bonita — respondeu a cenoura, sonhadora. Cheirou o ar à sua volta. — E há um perfume no ar. É fantástico!

Pensou um pouco.

— Fizemos-lhes algum mal? — perguntou ao repolho.

— Não. Fizeram-nos eles algum mal? — perguntou ele.

— Não — respondeu a cenoura.

— Então pronto, ninguém tem razões para estar zangado.

O repolho sentiu-se mais tranquilo e confiante. Compôs a pena e fez uma vénia à cenoura.

— Estou tão só, menina — disse. — Dá-me a honra?

A cenoura sentiu-se feliz. A noite estava morna, a luz era suave e os pirilampos estavam bem-dispostos. A lua rolou no céu e apareceram estrelas, curiosas. Era uma noite perfeita.

A cenoura piscou-lhe um olho através da máscara.

— Será um prazer — disse, estendendo-lhe uma folha delicada.

Misturaram-se com os bailarinos. Um gladiolo recuou quando os viu, e chegaram a pisar os pés de uma dália.



— Se ao menos fossem ervas daninhas — suspirou uma glicínia — ainda floriam *quase* como nós — mas calou-se, admirada.

O repolho tinha agarrado a cenoura pela cintura e dançavam uma animada rumba-feijoca. Em seguida, deslizaram um maravilhoso tango-pepino e, por fim, saltaram ainda um elegante cha-cha-cha-piri-piri. A cenoura ia ficando sem fôlego, mas seguiu-o corajosamente e não caiu uma única vez. Os dois formavam um par bonito de se ver e as flores aplaudiram, a contragosto.

Depois de ver isto, o lírio ousou por fim dirigir-se à cenoura e o repolho convidou uma margarida para dançar. Tocou-se uma valsa encantadora. Depois, a cenoura dançou um galope com um manjerico e o repolho foi buscar a gerbera para uma animada polca.

Foi uma bela noite.

Todos puderam conversar, conhecer-se e cheirar-se.



— Nós vamos convidar-vos para a nossa Salada Russa — prometeu o repolho ao despedir-se.

— E vocês voltam no próximo baile, não é? — perguntou o lírio diligente, que tinha deitado uns olhinhos à cenoura.

Os dois entraram em casa em bicos de pés. Estavam felizes, muito cansados e não queriam acordar ninguém. Quando o repolho estava quase a adormecer, murmurou:

— Quem diria? Tenho de escrever a história desta noite para nunca a esquecer.

— E eu desenho-te algumas imagens — sussurrou a cenoura — e ficamos com um livro.

Os olhos fecharam-se-lhe.

— E um dia mais tarde havemos de lê-lo aos nossos netos.

E começou a risonar baixinho.